

VÍTIMAS INOCENTES

Núcleo de Pesquisa, Ensino, Divulgação e Extensão em Neurociências (NuPEDEN), do Programa de Pós-Graduação em Neurociências do Instituto de Biologia da UFF, faz estudo sobre o impacto da pandemia no desenvolvimento biopsicossocial de crianças e adolescentes. P.2



Niterói & região

LUCIANA GUIMARÃES
luciana.guimaraes@odia.com.br

Embora muito se divulgue nas mídias sobre como crianças e adolescentes parecem ser menos suscetíveis às formas graves de manifestação do novo coronavírus, pouco se falou sobre o impacto da pandemia no seu desenvolvimento biopsicossocial, uma vez submetidos a rupturas cotidianas que ainda não são capazes de compreender com profundidade. Esse é o tema do debate proposto pela equipe da professora Priscilla Oliveira Silva Bomfim, coordenadora do Núcleo de Pesquisa, Ensino, Divulgação e Extensão em Neurociências (NuPEDEN), do Programa de Pós-Graduação em Neurociências do Instituto de Biologia da UFF.

Recentemente, foi publicado pela renomada revista "Progress in Neuropsychopharmacology & Biological Psychiatry" o artigo "Covid-19 pandemic impact on children and adolescents' mental health: Biological, environmental, and social factors", escrito pela equipe liderada por Priscilla. Segundo ela, as indagações que motivaram a pesquisa começaram a partir da observação do comportamento de jovens que manifestaram alterações de atitude, humor e interação social em virtude do isolamento social. Entre essas mudanças, se destacam modificações do sono e da dieta, agressividade, comportamento regressivo, medo de perda e de morte de familiares.

Vários foram os elementos que compuseram a análise multifatorial estudada

A percepção dos sinais pode ser complexa, pois nem sempre são visíveis ou verbalizados

pela equipe de pesquisadores, como o afastamento do ambiente escolar e o engajamento nas aulas virtuais; as restrições em relação ao brincar livre e aos espaços da natureza; a conexão presencial com familiares; o aumento da violência doméstica; a falta de troca afetiva em outros ambientes que não o familiar; a frustração e incerteza em relação à abertura e ao fechamento das cidades.

Com base nessas observações, os pesquisadores iniciaram uma revisão bibliográfica de estudos desenvolvidos em outras epidemias, considerando que na pandemia do novo coronavírus ainda havia pouco material publicado sobre o público em questão quando a pesquisa teve início. "Ao buscarmos dados na literatura que relacionavam o estresse não fisiológico (distress) à possibilidade de desenvolver um transtorno mental, 'viramos a chave' para a 'luz amarela', entendendo que precisamos estar em estado constante de alerta, percebendo os sinais que essa população nos mostra", ressalta a docente.

A percepção desses sinais, no entanto, pode ser muito mais complexa do que se imagina, pois nem sempre são visíveis ou verbalizados por eles. "Trata-se de uma população que não possui maturidade (física e/ou neurológica, psicológica) e entendimento da proporção de tudo o que estamos vivendo. No entanto, esses 'sinais' podem causar danos imediatos, a médio e longo prazo na saúde mental dessas crianças e adolescentes, que se encontram em pleno desenvolvimento", enfatiza.

UFF lidera estudo sobre o impacto da pandemia na saúde mental de jovens

Pesquisadora constata que modificações do sono, agressividade, comportamento regressivo, medo de perda e de morte de familiares são as mudanças mais visíveis



IMAGEM ASSESSORIA

Adolescentes e crianças estão entre as maiores vítimas dos males provocados pelo isolamento social em meio à pandemia do novo coronavírus no Brasil e no mundo

Consequências perigosas

De acordo com Priscilla Oliveira Silva, se por um lado os jovens necessitam de contato social e com a natureza, bem como de um ambiente saudável e seguro para seu pleno desenvolvimento; por outro, o isolamento social ainda é a melhor alternativa para o controle da pandemia.

Considerando essa situação, a equipe do NuPEDEN propôs uma discussão que conecta as dimensões biológica, ambiental e social para entender os efeitos provocados pela pandemia na população infantil e adolescente, e também a necessidade de proposição de pesquisas e políticas públicas de longo prazo.

São sabidas as consequências diretas da pandemia nessa população, embora os impactos indiretos ainda são desconhecidos. Alguns dos riscos, segundo Priscilla, dizem respeito às condições de estresse e neuroinflamação, tendência à depressão, problemas psicológicos, imunológicos, endócrino e nervoso.

Em relação à alimentação, a pesquisa destaca maior ingestão de alimentos com alto teor calórico, por gerar sensação de redução da ansiedade, mas que pode conduzir à obesidade infantil, impactar na aprendizagem e memória, influenciando nas funções cerebrais.



Há a urgência da realização de ações para evitar consequências futuras na saúde individual e nos sistemas públicos e privados de saúde
PRISCILLA OLIVEIRA, cientista

Poder aquisitivo, agravante

O isolamento ainda pode afetar os laços sociais, fundamentais para esses jovens. Ele pode interferir no desenvolvimento cognitivo, emocional, endócrino e imunológico. Além disso, diminuir a atividade física, aumentar o tempo de exposição a telas, conduzir a padrões irregulares de sono e a dietas menos apropriadas para a manutenção da saúde, impactando de forma ampla na regulação do sistema fisiológico.

Outro ponto observado retrata como a pandemia afeta mais a população com baixo poder aquisitivo, com menos condições de contato social através das redes virtuais, de aces-

so a aulas remotas, e que está mais exposta a situações de violência doméstica e negligência familiar.

"Há a urgência da realização de ações com o objetivo de evitar consequências futuras tanto na saúde individual quanto nos sistemas públicos e privados de saúde, consequências essas que beiram o imprevisível, considerando que somente com o acompanhamento a longo prazo de crianças e adolescentes será possível saber a real dimensão dos efeitos colaterais da pandemia no desenvolvimento dessa população", conclui a professora Priscilla Oliveira.